

Creatio ex nihilo: Uma crítica à doutrina mórmon da criação

Texto em português · [Ler no site](#)

Resumo

Originalmente publicado como: “*Creatio ex nihilo: A Critique of the Mormon Doctrine of Creation*”.

Texto reproduzido na íntegra em: [/creatio-ex-nihilo-a-critique-of-the-mormon-doctrine-of-creation](#)

No livro de que foi coautor, *How Wide the Divide? A Mormon and an Evangelical in Conversation* [Quão grande é a divisão? Diálogo entre um mórmon e um evangélico], o erudito mórmon Stephen E. Robinson declara que os mórmons “não aceitam os concílios e os credos” do cristianismo “ortodoxo”, mas “aceitam realmente a Bíblia sem seus acréscimos teológicos”. [1] No final desse volume, levanta-se a questão: “Os primitivos credos cristãos clássicos elaboram com exatidão as verdades bíblicas acerca de Deus e de Cristo, embora as reformulem reconhecidamente em linguagem filosófica posterior, ou será que eles introduziram conceitos helenistas nas suas formulações chegando mesmo a distorcer a verdade bíblica?”. [2]

Não é incomum ouvir da parte dos mórmons a acusação de que a doutrina da *creatio ex nihilo* seja um exemplo de imposição à Escritura de moldes filosóficos ou teológicos injustificados. Tradicionalmente, o mormonismo defende que a matéria é eterna e que Deus é (por assim dizer) um Artífice, Modelador ou Reorganizador dessa matéria eterna — ou talvez algum *Urstoff* [alem. “elemento primordial”] semissubstancial que não é ser nem não ser. [3] Isso, segundo alegam os mórmons, é o que é “criação” — não a criação a partir do nada. B. H. Roberts, élder e membro do Primeiro Conselho dos Setenta, declarou que “os cristãos convertidos ao dogma da falsa noção da criação a partir do ‘nada’ — tendo por suposto a transcendência de Deus com relação ao universo — aceitaram a ideia de que ‘criação’ significava exclusivamente trazer a existência da não existência e acabaram declarando anátema quem procura ensinar o contrário”. [4]

Na parte i, apresentaremos o fundamento bíblico e teológico para a doutrina da *creatio ex nihilo*. Na parte ii, mostraremos as bases filosóficas e científicas em favor da *creatio ex nihilo*, as quais expõem vários argumentos dedutivos e indutivos contra um passado infinito. Encerraremos com algumas reflexões acerca de como as evidências bíblica, filosófica e científica favoráveis à *creatio ex nihilo* caberiam melhor no escopo da teologia mórmon.

I. Fundamentos bíblicos e teológicos favoráveis à *creatio ex nihilo*

Em um artigo intitulado “A Mormon View on Life” [Uma perspectiva mórmon acerca da vida], Lowell Bennion declara: “Os Santos dos Últimos Dias rejeitam a teoria da criação *ex nihilo*. A inteligência e os elementos sempre existiram, coeternos com Deus. Ele é tremendamente criativo e poderoso, mas trabalha com materiais que não foram feitos por ele”. [5] Bem antes, Orson Pratt afirmou em 1876 que as matérias-primas das quais a terra foi feita são “eternas”. [6] Deus não criou a partir do nada, continua dizendo Pratt. Ele alega que nenhuma “Escritura” (ou seja, a Bíblia e os textos sagrados dos mórmons, como o *Livro de Mórmon* ou *Doutrinas e convênios*) “insinuam tais coisas”. [7]

O teólogo mórmon John Widtsoe sustenta que a crença na criação a partir do nada apenas causa confusão: “A maior parte da inconsistência de pensamento origina-se da noção de que as coisas podem ter se derivado de um estado imaterial, ou seja, do nada”. [8] Além disso, Widtsoe acrescenta a afirmação de que Deus não pode criar matéria [a partir do nada] nem destruí-la: “Deus, por possuir a inteligência suprema do universo, pode fazer com que a energia realize os fins determinados por ele, mas não é capaz de criá-la nem de destruí-la”. [9] A essência de matéria e energia, qualquer que seja a sua forma, permanece sempre a mesma.

Será que a evidência bíblica confirma *realmente* a criação reorganizada dos Santos dos Últimos Dias? Seria a doutrina da criação a partir do nada simplesmente uma invenção patrística?

A. Argumentos bíblicos

A doutrina cristã tradicional sustenta que Deus é o Originador máximo do universo material e de qualquer outra realidade. [10] Por exemplo, o Quarto Concílio de Latrão convocado em 1215 declarou formalmente: “Cremos firmemente e confessamos simplesmente que só há um único Deus verdadeiro [...] criador de todas as coisas invisíveis e visíveis, espirituais e corpóreas; o qual, pela sua onipotência, no começo do tempo, criou do nada [*de nihilo condidit*] tanto as criaturas espirituais como as corporais”. A doutrina da criação a partir do nada tem dois aspectos principais:

- (1) todas as coisas são, para sua própria existência, *ontologicamente dependentes* de Deus;
- (2) o universo, e qualquer outra realidade à parte de Deus, *teve início* e nem sempre existiu. [11]

Nesse ponto, O. Kendall White Jr. afirma que a “típica” crítica mórmon que considera absurda a criação *ex nihilo* não consegue perceber o sentido exato da criação *ex nihilo*, isto é, o de que tudo quanto existe depende totalmente de Deus para que exista. [12] É inegável que alguns teólogos cristãos [13] creem que a criação não é senão dependência ontológica (ou seja, a sustentação providencial de Deus de todas as coisas existentes, impedindo-as de caírem na inexistência); esses pensadores veem a origem temporal como irrelevante — ou quase isso. [14] Devemos argumentar, porém, que essa visão da criação não apreende o ponto principal dessa doutrina cristã central, a qual declara que Deus é distinto de toda outra realidade, *que ele não apenas sustém, mas também traz à existência um tempo finito passado*.

Agostinho apreende perfeitamente a doutrina cristã ao defender que, visto que somente Deus é Ser, ele quis que existisse aquilo que antes não existia ou que não tinha ser. Deus não é o mero modelador da matéria primordial informe e eterna. Ele acrescenta: “Tu não trabalhas como o artífice, fazendo uma coisa a partir de outra conforme a mente o dirige [...] Somente a tua Palavra criou [céu e terra]”. [15] Para os cristãos, a criação *ex nihilo* refere-se mais propriamente à origem temporal e à dependência ontológica do mundo material aos decretos de Deus. [16]

Todavia, segundo B. H. Roberts, “não há nada na palavra [*criar*] em si mesma [...] que demande esse tipo de interpretação [isto é, a de *ex nihilo*] de seu uso na Escritura Sagrada”. [17] E, mais uma vez, “não há nada na palavra ‘criar’ por si só que exija que sua interpretação signifique ‘criar do nada’”. [18]

Ora, com certeza não seria sábio considerar particularmente a palavra *bârâ* e a palavra grega para “criar” (*ktizô*) em si mesmas como base exclusiva para defender a criação *ex nihilo*, uma vez que significado é mais do que palavras isoladas. (Pense nos sentidos em que a palavra “correr” pode ser entendida: correr o boato, correr o risco, deixa o barco correr, no correr dos séculos, etc.) As palavras por si sós são

insuficientes para determinar o sentido. Considerações de contexto, estrutura linguística, vocabulário autoral, gênero literário e coisas do gênero devem também ser levadas em conta. Por exemplo, quando estudamos a doutrina paulina da justificação ou retidão (*dikaiosynē*) pela fé e percebemos sua natureza forense ou imputada, [19] não dizemos simplesmente que a palavra *dikaiosynē* está disponível para quem quiser só porque Mateus sempre a usa para expressar um comportamento individual e não a justiça imputada pela fé. [20] Embora haja um leque de possibilidades com relação ao sentido de palavras particulares, elas não são infinitas. Portanto, a questão que temos de fato diante de nós é: quando estamos falando da palavra, como deve ser ela entendida no contexto particular em que o autor escreveu?

Um método que os mórmons adotam é o de apelar para a *etimologia* da palavra para entender seu significado. É assim que B. H. Roberts procede no caso da palavra *criar*, o que, na verdade, é um caminho precário a se tomar. Ele admite aquilo que *The Jewish Encyclopedia* [Enciclopédia judaica] indica — quer dizer, que a “maioria dos filósofos judeus entende que ‘criação’ em Gênesis 1.1 significa ‘criação a partir do nada’”. [21] Esse fato é bastante significativo e, obviamente, apoia o entendimento tradicional de criação, em oposição à perspectiva SUD. Então, Roberts comete a falácia exegética de apelar à etimologia para fundamentar a interpretação do texto segundo os mórmons: “A Enciclopédia Judaica afirma que o significado etimológico do verbo (“criar”) é ‘cortar e dar forma’ [modelar], e, portanto, pressupõe o uso de matéria-prima”. [22] Em seguida, ela extrapola o aspecto teológico de que a criação de Deus envolvia a modelagem “a partir de matéria preexistente”. [23] E ainda acrescenta: “a etimologia do verbo ‘criar’ implica a criação a partir de materiais preexistentes”. [24]

Apesar disso, os linguistas e exegetas modernos têm mostrado que usar a etimologia para estabelecer o significado da palavra é equivocado. Por exemplo, a palavra inglesa *nice* (bonito, lindo, belo) deriva evidentemente do termo latino *nescius*, que significa “ignorante”. [25] Contudo, não queremos dizer com isso que alguém “nice” seja ignorante! Na maioria dos casos, o uso sincrônico [26] de uma palavra *raramente* significa aquilo que significava originalmente (ou seja, etimologicamente). Conforme declara enfaticamente o erudito bíblico Moisés Silva: “Os estudos modernos nos compelem a rejeitar essa atitude [isto é, apelar à etimologia para que nos dê o significado ‘básico’ ou ‘real’ de uma palavra] e a suspeitar da história da palavra”. [27] Uma vez mais, James Barr afirma: “A questão principal é que a etimologia de uma palavra não é uma declaração a respeito do seu significado, mas da sua história”. [28]

Ora, é de conhecimento geral que *bārā’* (criar) é empregado para, digamos, se referir à criação do povo de Israel pela ação de Deus (por ex., Is 43.15) ou à ação de Deus de criar um coração puro (Sl 51.12), mas é óbvio que isso não deve ser entendido como criação *ex nihilo*. Falando mais objetivamente: quando examinamos textos específicos relacionados à criação do universo pela ação de Deus, que ponto de vista é mais bem apoiado pela Escritura, o entendimento SUD ou o entendimento cristão? E se, na pior das hipóteses, for verdade que a Bíblia é neutra quanto a essas duas posições (criação relativa ou absoluta), então os eruditos mórmons ainda assim não conseguiram provar a hipótese de que a Bíblia endossa a perspectiva deles.

Na minha análise dessa questão, referiremo-nos muitas vezes a Gerhard May, Professor de Teologia da Universidade Johannes Gutenberg, em Mainz, Alemanha. Em seu livro *Creatio ex Nihilo: The Doctrine of “Creation out of Nothing” in Early Christian Thought* [Creatio ex-nihilo: a doutrina da “criação a partir do nada” no pensamento cristão primitivo], ele expressa a visão defendida usualmente pelos mórmons segundo a qual o texto da Bíblia não demanda a crença na criação *ex nihilo*. [29] De forma lastimável, May — com os eruditos mórmons em geral — pouco faz para defender tal alegação. Embora se refira de

passagem a certos trechos bíblicos que parecem sinalizar a doutrina da *creatio ex nihilo*, ele não interage seriamente com eles, parecendo dissimulá-los levemente. May concentra-se no estudo patrístico (conforme indica seu subtítulo) e não na exegese bíblica. É curioso que os especialistas mórmons façam referência a May [30] ou citem obras que dependem da sua análise, mas isso termina enfraquecendo seus argumentos: *essas fontes têm a tendência de passar por sobre a exegese dos textos bíblicos (assim como May), deslocando-se imediatamente para a discussão teológica de rabinos e teólogos*. [31] A própria erudição acadêmica mórmon é em si mesma notavelmente silenciosa acerca da exegese bíblica com relação à criação.

O próprio silêncio de May a respeito da análise bíblica acaba enfraquecendo a sua posição, porque, se feita do modo adequado, a exegese bíblica austera refuta a noção de a criação a partir do nada ser mera invenção teológica. Por exemplo, Romanos 4.17 (no qual se afirma que Deus chama à existência as coisas que não são) e Hebreus 11.3 (no qual o mundo visível não é criado a partir de nada observável) são passagens que May simplesmente descarta como pertinentes a outras declarações do judaísmo helenista — declarações que *parecem* afirmar a criação absoluta a partir do nada, mas que, na verdade, apenas ratificam a crença na formação do mundo a partir de matéria preexistente.

Fica-se imaginando se isso é tudo o que existe acerca da questão. Parece que tais afirmações, produzidas sem quaisquer argumentos, sejam quais forem, podem ser um tanto enganosas. Na verdade, May dá a falsa impressão de que a *creatio ex nihilo* não foi mais do que a invenção de teólogos cristãos bem-intencionados tentando defender o que acreditavam ser as noções bíblicas da soberania, liberdade e onipotência absolutas de Deus em contraposição às doutrinas gnósticas heréticas. Cremos que o exame mais aprofundado das passagens bíblicas relevantes mostrará apropriadamente que o ensino tradicional da *creatio ex nihilo* tem sólidos fundamentos bíblicos, ao contrário da noção da criação a partir de matéria eterna preexistente.

Walter Eichrodt expressa a suposição implícita do Antigo Testamento acerca da criação absoluta: “A ideia do começo absoluto do mundo criado demonstra ser, portanto, uma expressão lógica do ponto de vista irrestrito do narrador sacerdotal”. [32] Por exemplo, Isaías 40.21, que menciona Gênesis 1.1, mas emprega a expressão paralela “desde a fundação da terra”, é uma notável referência a um começo absoluto” e não a um “juízo arbitrário”, segundo Eichrodt. [33] Ele considera a doutrina *creatio ex nihilo* como sendo “incontestável” [34] — especialmente à luz do rígido monoteísmo do autor, bem como da sua distinção radical entre as cosmogonias antigas, nas quais os deuses emergiram de matéria preexistente, e a sua própria cosmogonia. Eichrodt defende que “o objetivo maior da narrativa [da criação] é o mesmo da nossa fórmula de criação *ex nihilo*”. [35] Apesar de essa fórmula não ocorrer no Antigo Testamento, o objeto da atividade criadora de Deus é “céu e terra e tudo quanto há neles”, portanto, a criação de Deus não pode se limitar às “estrelas e coisas da terra”, mas deve abranger “todo o cosmos”. [36] O fato de “céu e terra” ser um merisma significando “a totalidade do fenômeno cósmico” denota um começo absoluto do universo, inclusive da matéria. [37] De fato, “não há na língua hebraica nenhuma palavra individual” para expressar a totalidade, por isso essa expressão é usada. [38] Claus Westermann concorda: Gênesis 1.1 não se refere “ao princípio de algo, mas simplesmente Ao Princípio. *Todas as coisas* começaram com Deus”. [39]

Outro especialista no Antigo Testamento, R. K. Harrison, afirma que, embora a *creatio ex nihilo* fosse “abstrata demais para a apreensão da mente [hebraica]” e não estivesse declarada explicitamente em Gênesis 1, “está com certeza implícita na narrativa”. [40] Pretende-se que o leitor compreenda que “os mundos não foram formados de nenhuma matéria preexistente, mas do nada”; “antes” da atividade criadora

de Deus, “não havia, portanto, nenhum outro tipo de existência fenomenológica”. [41] De modo semelhante, Edwin Hatch admite que, embora a linguagem platônica grega tenha ajudado a dar “forma filosófica” à elaborada doutrina da criação cristã, a crença de que Deus “não era meramente o Arquiteto do universo, mas a sua Fonte” tinha sido, “provavelmente por muito tempo, a crença quase inexplicável do monoteísmo hebreu”. [42] Ou seja, linguagem metafísica e sistematização teriam depois materializado aquilo que os textos do Antigo Testamento sobre a criação indicavam.

Novamente, por mais que se lhe atribua importância teológica, a palavra *bârâ’* não implica em si criação a partir do nada — ou, quanto a isso, *reorganização*. O assiriólogo Shalom M. Paul, citado por Stephen Ricks [43], demonstra que *bârâ’* em si mesma “não significa” criação *ex nihilo* (embora Paul admita que em 2Macabeus 7.28 ela tenha esse significado). [44] Contudo, o aspecto importante acerca de *bârâ’* é que *Deus* sempre é o sujeito desse verbo. A palavra hebraica correlata ‘*asah* (“fazer”)’ difere pelo fato de que qualquer pessoa poderia *fazer* alguma coisa, ou seja, a partir de matéria preexistente. Além disso, quando se usa *bârâ’*, *nunca* se faz qualquer menção a materiais que Deus tenha usado. O produto final sempre é mencionado; nunca se menciona qualquer matéria-prima. [45] Assim, *bârâ’* é a palavra mais apropriada para expressar o conceito de criação a partir do nada. De fato, nenhum outro termo hebraico poderia expressá-lo. Ademais, a ideia de *creatio ex nihilo* está implícita em Gênesis 1.1, visto que não se menciona nenhum “princípio” para Deus. [46]

Pelo fato de Deus ser sempre o *sujeito* de *bârâ’*, os intérpretes reconhecem com regularidade que a palavra *criar* se refere inevitavelmente à atividade *divina*. [47] O teólogo alemão Jürgen Moltmann apreende isso com precisão:

Dizer que Deus “criou” o mundo indica a diferença peculiar entre Deus e o mundo, além de salientar que Deus o desejou [...] É consequência específica da decisão da sua vontade. Por serem resultado da atividade criadora de Deus, céu e terra são [...] contingentes. [48]

À luz disso, o entendimento de Joseph Smith a respeito da palavra hebraica para *criar* está equivocado, uma vez que atribuía o sentido de *reorganização* ao termo *bârâ’*, quando deveria ter sido atribuído apropriadamente o sentido de *asah*.

Em contraste com as cosmogonias antigas, nas quais não existia nenhum começo absoluto, Gênesis distingue-se por postular um princípio absoluto. No processo da criação, Elohim não estava limitado pelo caos (como ocorria na cosmogonia babilônica), mas é soberano sobre os elementos. Gênesis 1.1 firma-se como uma asserção independente, reivindicando que Deus criou todo o cosmos. De fato, a própria estrutura de Gênesis 1.1 favorece a ideia da criação a partir do nada. Considerando-se os aspectos gramatical e contextual, a visão de Gênesis 1.1 como se referindo à criação absoluta possibilita a defesa efetiva dessa tese. [49] John Sailhamer comenta que

Os eruditos bíblicos acreditam há bastante tempo que a ideia da “criação a partir do nada” pode ser encontrada na frase de abertura de Gênesis 1 [...] é pouco provável que o texto tenha outro significado além de “criação a partir do nada”. A mera noção de que o mundo tem um “princípio” parece exigir que tenha sido criado “a partir do nada”. [50]

Moltmann comenta que *bârâ’* é usado “exclusivamente como um termo para a produção divina”. [51] Uma vez que *bârâ’* não exige o acusativo (ou seja, um objeto direto) de uma matéria da qual se produziu algo, há a indicação de que “a criatividade divina não tem condições nem premissas. A criação é algo

absolutamente novo. Não é potencialmente inerente nem está presente em nada mais”. [52] Conforme escreveu Werner Foerster, a criação em Gênesis 1 “surge do nada pela Palavra de Deus”. [53] Por isso, Gênesis não deveria ser traduzido como “No começo, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era um deserto informe [...]”, como traduz a *New American Bible*. [54] Até mesmo Bernhard Anderson, que entende Gênesis 1.1 como uma referência à criação a partir do caos, admite que “estudos estilísticos” favorecem Gênesis 1.1 como sendo “uma frase declarativa absoluta”. [55] Esse entendimento absoluto de Gênesis 1.1 e sua condição como oração independente é amparada pela tradução da Septuaginta, [56] bem como por “todas as versões antigas”. [57] Os comentaristas Keil e Delitzsch declaram que a expressão traduzida por “no princípio” (*berêshît*) “é empregada de modo absoluto” e uma tradução como “No princípio, quando [...]” simplesmente “não pode” ser um tratamento razoável do texto. [58] Na avaliação deles, “o contexto” indica “o começo propriamente dito”. [59] Assim, a eternidade do mundo ou a existência de qualquer “matéria-prima primordial” é excluída pela linguagem, como a da expressão absoluta “no princípio” ou do merisma totalizante “os céus e a terra”, o melhor que os hebreus poderiam fazer para expressar a inteireza. [60] Bruce Waltke destaca a unanimidade, “tanto na tradição judaica como na cristã”, de que a primeira palavra na Bíblia está no “estado absoluto” e de que o primeiro versículo é “uma oração independente”. Ele comenta: “Moisés não poderia ter usado nenhuma outra construção para denotar que a primeira palavra estava no estado absoluto, mas poderia ter optado por uma construção diferente para indicar claramente o estado construído”. [61]

Thomas McComiskey, perito no Antigo Testamento, concorda que a palavra *bârâ*’ enfatiza o *início* do complemento verbal, a realização de algo novo. [62] Acumula-se ainda o apoio de Edward P. Arbez e John P. Weinsengoff, os quais mostram que, além de não haver no texto de Gênesis nada que permita afirmar que existia matéria-prima caótica antes da ação de Deus, [63] no contexto de Gênesis 1, o uso de *bârâ*’ fará sentido melhor se esse verbo for entendido como criação *ex nihilo*. Por exemplo, a atividade de Deus (expressa por *bârâ*’) traz o universo à existência (“céus e terra”) “no princípio” (ou seja, o universo teve um começo por meio da ação de Deus). Também não há menção de nenhuma matéria preexistente que Deus tenha usado. “Criar” é uma tradução mais apropriada do que “modelar”, “moldar” ou coisa semelhante. [64] Esses especialistas chegam convincentemente à conclusão de que

Gênesis 1 está totalmente permeado pela ideia da transcendência ilimitada de Deus e pela ideia de que todos os seres dependem absolutamente de Deus para que existam. A ideia de “*creatio ex nihilo*” parece estar tão logicamente ligada à visão que o autor tem de Deus que quase não é possível se recusar a vê-la nessa declaração de abertura. [65]

A análise de Kenneth Mathews a respeito de Gênesis 1 leva-o a concluir que “A ideia da *creatio ex nihilo* é uma inferência teologicamente cabível derivada da estrutura total do capítulo”. [66]

Devemos também desfazer a confusão decorrente da tradução de Gênesis 1.2 feita pela Septuaginta (*hê de gê ên aoratos kai akataskeuastos* = “e a terra era não visível/invisível e informe”). A tradução dessa passagem reflete claramente influência helenista, [67] e as versões inglesas, como a AV e a RSV, helenizam a expressão *tôhû wabôhû* como “sem forma e vazia”. Essa tradução contribuiu de fato para dar uma característica um tanto helênica à mentalidade de muitos cristãos. De acordo com essa versão, a terra é algum tipo de massa amorfa. Mas a estrutura da expressão, quando se leva em conta as facetas linguísticas tardias da Bíblia (algumas das quais remetem a Gênesis 1.2), leva-nos a uma tradução melhor (e menos helenizada) da terra como desolada e desabitada: *um deserto e uma desolação*, segundo a tradução de Victor Hamilton. [68]